

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXI

Semanário regionalista

N.º 647

Composto e impresso na Tipografia Figueirense
Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração—Rua Major Neutel de Albra
Figueiró dos Vinhos

Foi-se o Verão...

Embora o calendário nos diga que já estamos no Outono, a temperatura mantém-se perfeitamente estival. No céu cerúleo o Sol continua, com magestade olímpica, presidindo aos dias e os seus raios caem, como coriscos de fogo, sobre a terra abraçada e ressequida. Muitas andorinhas já partiram em busca do seu pousio de inverno, enganadas pelo Tempo, que não cumpre nem respeita agora a mudança das estações em épocas determinadas, como outrora.

Com a chegada de Outubro põe-se praticamente fim ao período de férias. Reabrem os tribunais e as escolas, regressam aos seus afazeres os que puderam dar ao corpo uns dias de tréguas na luta diária da existência.

Por Figueiró começou-se notando o êxodo dos que de longe aqui vieram retemperar-se com os ares desta privilegiada região. As camionetas das carreiras partem abarrotadas de gente e volumes de bagagem. Já raramente se veem pelas ruas ou no lindíssimo parque da nossa Vila, onde as árvores abrem sombras acolhedoras e os olhos se deleitam com a policromia da jardagem, os grupos de turistas a dar-lhes animação. Regressaram a suas casas e, decerto, que nelas perdurará a lembrança dos dias que aqui passaram em amenas férias, e não esquecerão tão cedo os panoramas de maravilha que puderam admirar.

Mas...
— Há sempre um *mas*, um emburrativo e desmancha-prazeres *mas* a trazer a nota discordante.

No caso presente a adversativa desagradável refere-se às poucas comodidades de que aqui dispõem aqueles que se deslocam, ou por prazer ou por necessidade, até à nossa encantadora Vila.

E' preciso dizer as coisas como elas são, pondo de parte paliativos e eufemismos. A verdade é só esta e em poucas palavras se diz: não existe em Figueiró dos Vinhos, presentemente, uma instalação onde quem não possua casa própria ou se recoha à de algum amigo, se hospede em condições de ter o mínimo de comodidades que se exigem na época presente. Doe esta afirmativa? Paciência! Não há boas vontades, não existem amabilidades e gentilezas de trato que possam suprir a falta de um hotel ou de uma pensão que, com plena propriedade, se possa como tal catalogar. Não é simplesmente de comida asseada e farta e sem que o esturro tenha com ela entrado, que necessita quem aqueles estabelecimentos tem necessidade de recorrer.

O turista hoje — e Figueiró tem incontestavelmente o direito de querer ser terra de turismo — por mais modesto que seja, quer que a pensão ou hotel onde tem de se abrigar por algum tempo, disponha de outras comodidades, além das que resultam de uma razoável ou boa mesa.

E isso custa dizê-lo mas é assim: em Figueiró nem que se andasse, qual outro Diógenes, de lanterna acesa, nada se encontraria nesse sentido.

E' preciso que tal situação não continue. Exige-o o bom nome da terra, impõe-o a necessidade de se concorrer para o seu progresso. Sem bons hotéis ou boas pensões nenhuma região progride, nenhuma localidade sae da *cêpa torta*.

Felizmente que em breve, por iniciativa municipal, Figueiró disporá de um hotel de turismo com instalações como devem ser as de tais estabelecimentos. Isso, porém, não basta. E' preciso *vivificar* as pensões, modernizá-las, fazê-las sair do estagnamento em que jazem e que, talvez, fosse admissível há cinquenta anos, mas que não tem cabimento na época actual.

A Câmara vai começar a fiscalizá-las rigorosamente. Possível é que daí resulte a melhoria que é um imperativo para o fomento de Figueiró.



O azul carregado do céu, em que as estrelas continuam no seu inafatigável pisca-pisca, começou a desmatar. A que étude é geral. A ramaria nem ao de leve se agita. Nenhum som de passos quebra o silêncio. Só agora o cornetim dum galo, a que outros respondem gritou um sinal de vida. Ainda dormem os pássaros, cabeças airoas sob as asas. Para leste, por sobre os montes sobranceiros a Pedrógão Pequeno, a recitarem as cristas cada vez mais nitidamente, o azul é mais diluído. Ténue claridade começa brotando por detrás dos cabeços, empalidecendo o céu e dissolvendo as estrelas. Uma avesita maárugou e solta o seu pipio a despertar as outras. E a luminosidade acentua-se. Uma mancha cor-de-rosa progride lentamente para aquelas bandas, enrubescendo-se pouco a pouco. O céu ganhou agora uma tonalidade mais aberta. Uma sinfonia de cores, em que se amalgamam o azul, o verde, o amarelo, o róxo, coroa o Nascente. Nuvénzilas estiradas franjam-se de vermelho. O dilúculo abre-se. E na garganta formada por dois cumes de leve curvatura, espregueia a esjera d'ouro e uma torrente de luz derrama-se, varrendo do céu as últimas estrelas que teimavam em ficar e vai ajagar cariosamente os topos do arvoredo.

J. B.

Macau e Timor

Timor está definitivamente libertada e foram restabelecidas as comunicações com a Mãe-Pátria. Acabou de uma vez para sempre aquela ansiosa preocupação de que falou Salazar ao dizer: «Timor foi contínua e dolorosa preocupação para o coração dos portugueses; nem um só momento deixou de estar presente ao nosso espírito e ocupar a nossa atenção». Os gritos de comovia ternura e fidelidade emana dos telegramas do Governador daquela nossa Colónia encheram de viva emoção a alma de todos os portugueses da Metrópole sempre sensíveis aos movimentos de abnegação e amor por esta Pátria e Nação de mais de oito séculos. Os corações lusíadas

pulsaram mais fortemente ao conhecer os actos de heroísmo praticados por aqueles dedicados filhos da grande Família Portuguesa num dos momentos mais difíceis da História.

As notícias vindas de Timor são uma confissão de fé patriótica, de plena confiança na Pátria e nos homens que providencialmente souberam dirigir os destinos da Nação de maneira a conservar intactos a honra e o prestígio deste povo missionário, deste povo tradicionalmente colonizador e civilizador.

O único prémio pelo qual aspiraram todos os portugueses foi conseguido com o regresso de Timor à

plena autoridade portuguesa. Assim o afirmou o Governador num telegrama dirigido ao Sr. Presidente do Conselho: «Hoje ao saír a V. Ex.ª, como no momento tivemos notícia termo hostilidades e regresso Timor plenitude autoridade portuguesa, nós bradamos bem comovidamente: Viva Portugal!»

Estamos verdadeiramente em festa todos os portugueses por ver que o nosso império colonial recuperou a sua unidade de mando e de governo. Tudo isto é devido à constante preocupação que em todos os momentos do conflito mundial teve o nosso Governo, usando de todos

(Conclue na 4.ª página)

O Hospital

Colónias Infantis de Férias

FIGUEIRÓ

Já retiraram de Figueiró dos Vinhos as crianças que faziam parte do último turno da Colónia Infantil de Média Altitude do nosso distrito, iniciativa de real alcance social, e a que deixam os seus nomes ligados principalmente os srs. tenente coronel Júlio Botelho Moniz, drs. Acácio de Paiva e Manuel Simões Barreiros, respectivamente ilustres Ministro do Interior, Governador Civil de Leiria e presidente da Câmara Municipal figueirense.

Ao todo beneficiaram da estadia na região privilegiada de Figueiró dos Vinhos duzentas e cinco crianças pobres, com residência nos concelhos da orla marítima, sendo 130 rapazes e 75 meninas.

Por sua vez, para a Colónia Infantil Marítima, estabelecida em Peniche, foi igual número de crianças dos concelhos do norte do distrito.

O sr. Ministro do Interior, a quem os assuntos do complexo problema da assistência merecem o melhor carinho e que lhes tem dedicado toda a sua proverbial energia e as altas qualidades de decisão que o distinguem, patrocinou com a maior boa vontade a iniciativa da instalação das Colónias Infantis de Férias concedendo-lhes um subsídio de cem contos através do Socorro do Inverno, como já referimos.

Ao sr. dr. Acácio de Paiva deu-se a idéa de criar no distrito, que tão criteriosamente vem chamando e a cuja ch'fria empresta o dina-

(Conclue na 4.ª página)

Subscrito pelo seu digno Provedor, o nosso estimado amigo e ilustre advogado sr. dr. Alberto Teixeira Fortes, recebemos da Misericórdia do Hospital de Figueiró dos Vinhos, um officio em que nos é solicitada a publicação do que foi dirigido por aquela benemérita instituição ao sr. sub-secretário das Obras Públicas, o que fazemos, chamando para o seu conteúdo a atenção dos nossos leitores:

«O Hospital desta Misericórdia está instalado, há cerca de 80 anos, no antigo Convento do Carmo, desta vila; este edificio é impróprio ao fim a que se destina, é insalubre, anti-higiénico, tendo este hospital sido aqui instalado provisoriamente.

Dadas as deficiências da instalação deste hospital, já há muitos anos que se vem sentindo, em virtude também do seu movimento crescente, a necessidade de o dotar com um novo edificio, feito com as condições exigidas para um hospital satisfatório.

Após o movimento de 28 de Maio os homens que nesta vila tomaram a responsabilidade da politica local, pediram um subsídio à Direcção Geral de Assistência, subsídio que foi concedido por volta do ano de 1927, para a construção dum novo Hospital.

Este subsídio, porém, foi retirado por ordem de Sua Excoelência o Ministro das Finanças em 1928.

Depois, talvez em 1929 ou 1930, criado o Comissariado do Desemprego, este Organismo concedeu a esta Misericórdia, para a construção do edificio hospitalar, um subsídio de aproximadamente 130 contos.

Iniciaram-se então as obras, em terreno previamente adquirido por esta instituição; nestas obras dependiam-se mais de 100 contos, até que foram suspensas por falta de recursos financeiros desta instituição.

Decorridos alguns anos concedeu o Estado, novo subsídio para a continuação e conclusão daquelas obras; quando porém estas se iam continuar a Secção dos Edificios e Monumentos Nacionais, de Coimbra, fez tais reparos aos serviços já feitos que exposto o caso pelo sr. presidente da Câmara Municipal deste concelho, a Sua Excoelência o Ministro das Obras Públicas e Comunicações, á data do saudoso Engenheiro Duarte Pacheco,

CINEMA DO S. N. I.

Nos dias 23, 24 e 25 do mês passado deu espectáculos, respectivamente, nesta vila, Aguda e Arega o Cinema Ambulante do S. N. I. com a passagem de interessantes filmes que muito agradaram aos inúmeros assistentes.

A propósito, devemos esclarecer que são absolutamente falsos os dizeres que correram sobre má recepção feita na Arega àquelle Cinema O que se passou foi apenas o seguinte: no fim do espectáculo e longe de Arega, dois rapazes foram agredidos por outros, por motivos extranhos à exhibição realizada e o assunto está seguindo os devidos trâmites judiciais.

Nada mais.
Costuma dizer-se que quem não tem que fazer, faz colheres. Pois, no caso presente, melhor era que quem inventou a balela se dedicasse a colhereiro do que andar a escahar babozeiras que só podem prejudicar...

Macau e Timor Pelo Tribunal A G E N D A Colónia de Férias Imprensa

(Continuação da 1.ª página)

os meios de que dispunha para pro-
curar o bem e engrandecimento da
Pátria Lusa.

A clarividente acção política de
Salazar conseguiu salvaguardar dum
modo glorioso a neutralidade portu-
guesa, neutralidade que de tanto
serviu aos interesses das Nações
Unidas, neutralidade que foi o fun-
damento seguro em que assentou a
integridade do nosso Império Ul-
tramarino.

Portugal e o seu governo confia-
ram sempre, mesmo nas circunstân-
cias mais aziagas, no patriotismo
de todos aqueles filhos da Pátria
Lusa, que viviam junto das águas
do Pacífico, mantendo bem alto o
prestígio do nome português, tendo
sempre içada a bandeira das nossas
tradições multi-seculares!

Quem atentamente comparar a
diferença da atitude portuguesa ao
findar o actual conflito com a si-
tuaçao do final da outra guerra, ve-
rá a diferença entre as duas atitu-
des. Quais foram os resultados que
obtivemos da outra guerra a despe-
ito de todos sacrificios realizados?
Os resultados não só foram nulos,
mas foram também negativos. Por-
tugal ficou inteiramente depauperado
e exaustó, sofrendo as piores
consequências.

Pelo contrário, actualmente en-
contra-se plenamente restabelecido,
com uma economia sã e umas finan-
ças altamente fortificadas. No ex-
terior, o nome português é conside-
rado e respeitado por todos, pois
todos sabem que o exemplo portu-
guês deve servir para formar, se-
gundo ele, as novas sociedades.

A politica portuguesa foi de tal
forma que os nossos próprios ini-
migos se viram obrigados a confes-
sar o reconhecimento do seu erro;
e a libertação total do território
ultramariuo foi vista com alegria
por todos aqueles que julgam que
é necessário voltar a implantar o
reino da paz e da justiça.

Sabemos hoje com ufania que Ti-
mor é terra bem portuguesa, que
sobre o seu território nunca deixou
de flutuar a bandeira das cinco qui-
nas, aquela bandeira que deu novos
mundos ao mundo, aquela bandeira
que foi a protectora de muitas e
imutáveis civilizações.

Portugal conseguiu o que tanto
desejava. Agora quer cooperar
eficazmente na gigantesca obra de
renovação mundial, contribuindo
com todas as suas energias para o
tão esperado reino da justiça e do
direito, bases seguras em que deve
assentar a verdadeira solidariedade
universal.

Portugal quer seguir o seu ca-
minho guiado pelos seus Chefes.
Cooperar numa tal obra, é realizar
o sonho de epopéia que herdámos
desde os primeiros momentos da
nossa brilhante História.

Cazadas, (Beira Baixa), 22 de
Setembro de 1945.

Prof. Braz dos Reis

Lavrador! Todo o teu traba-
lho, todos os teus
sacrificios, todo o amor à terra que
vêns regando com o suor do teu es-
forço constante, se encontram amea-
çados.

O Escaravelho da Batateira es-
preita e ameaça destruir em poucos
dias, o teu batatal e a borboleta
ataca o teu celeiro.

Vigia-os, portanto, protege-os do
perigo que se avizinha e dá rápido
e tenaz combate a esses inimigos.

No tribunal judicial desta comar-
ca foram apresentadas as seguintes
queixas para procedimento criminal:

Júlia de Jesus, da Mó Grande,
contra Manuel Monteiro Serra e
outro, de Valada; Manuel Coelho
David, de Figueira, contra António
Simões, de Carvalheira Pequena;
Autoridade Administrativa de Fi-
gueiró dos Vinhos contra João Tei-
xeira Júnior e José Dias, do Brejo;
João Marques, contra António Joa-
quim Alves, ambos de Almofala;
Aurélio da Silva contra Alberto
Nunes, ambos de Cabeças; Silvina
Maria Martins contra Alfredo Car-
valho dos Santos, João Dias e ou-
tra, de Alge, — todas estas queixas
por ofensas corporais; João Dias,
de Alge, contra Silvina Nunes Mar-
tins, do lugar de Pé de Janeiro;
José Lopes, de Figueiró dos Vinhos,
contra Maria da Piedade Pais, de
Chávelho, — esta por injúrias; Her-
minia da Conceição Rodrigues, con-
tra Adelino Martins Peixoto, am-
bos da Lavandeira, — por ameaças;
João Tomás, de Nedeirinho contra
Serafim dos Santos e Alberto Nu-
nes, de Várzeas, — por furto; Abi-
lio David dos Reis, de Figueiró dos
Vinhos, contra Alberto Dias, do
Casal dos Ferreiros das Bairradas,
— por dano, e do sr. presidente da
Câmara Municipal de Pedrogão
Grande, contra Manuel Dias de
Carvalho, — por desobediência.

Os contribuintes do imposto sô-
bre aplicação de capitais. Secção A,
— credoras de dívidas litigiosas —
deverão apresentar na Repartição
de Finanças, até ao dia 15, uma
certidão do estado da causa, a fim
de não lhes serem aplicadas multas.

— Vão ser patentes, durante 15
dias, na Repartição de Finanças os
trabalhos das Comissões fixadoras
do rendimento que deve servir de
base à contribuição industrial de
1946. grupo C, para efeitos de re-
clamações, as quais devem ser fei-
tas em papel selado e dirigidas
àquelas Comissões.

— De 1 a 31 estão a pagamento
as cotizações para o Fundo do De-
semprego.

— As reclamações sobre a tribu-
tação por contribuição industrial e
imposto profissional (profissões libe-
rais) devem ser apresentadas den-
tro dos 15 dias seguintes à afixação
dos editais respectivos, o que se
efectuará por estes dias.

— Os que tenham cessado, até
30 de Setembro, o exercício de
qualquer comércio ou indústria, de-
vem participar tal facto na Repar-
tição de Finanças até 15 deste mês
e reclamar em seguida, dentro de
90 dias, em papel selado e com a
assinatura reconhecida, a anulação
da colecta referente ao 4.º trimes-
tre de 1945.

(Continuação da 1.ª página)

mismo da sua intelligencia moga e
culto, esta forma de assistência in-
fantil Por último, ao sr. dr. Manuel
Simões Barreiros é de justiça atri-
buir o acolhimento que, como presi-
dente do município figueiroense,
prestou à iniciativa, criando-lhe lo-
calmente as facilidades de execução
que a tornaram viável em Figueiró
dos Vinhos.

A estes nomes, outros há que se-
ria injustiça flagrante não juntar.
E nesse caso estão os dos srs capi-
tão Luis Manuel Tavares, coman-
dante distrital da policia e R. vd.º
padre Filipe Tejal, da O.ª de Fran-
ciscana, membros da Comissão Or-
ganizadora das Colónias, que se
não pouparam a esforços.

Por último, há que citar a sr.ª D.
Maria Manuela Dias Costa, que
proficientissimamente tomou a seu
cargo e exerceu a direcção da Co-
lónia instalada nesta vila.

A todos deve a assistência infan-
til do distrito de Leiria a melhor
gratidão pelo que de tão útil e be-
neficio fizeram.

Reappareceu o semanário «Aleo»,
boletim das *Edições Oama*, que
se apresenta com muito bom aspec-
to gráfico e interessante conteúdo.
Dirige-o o sr. dr. Fernando Amado,
espírito culto, de sensibilidade ar-
tística e sã critério.
Apresentamos-lhe as nossas sau-
dações.



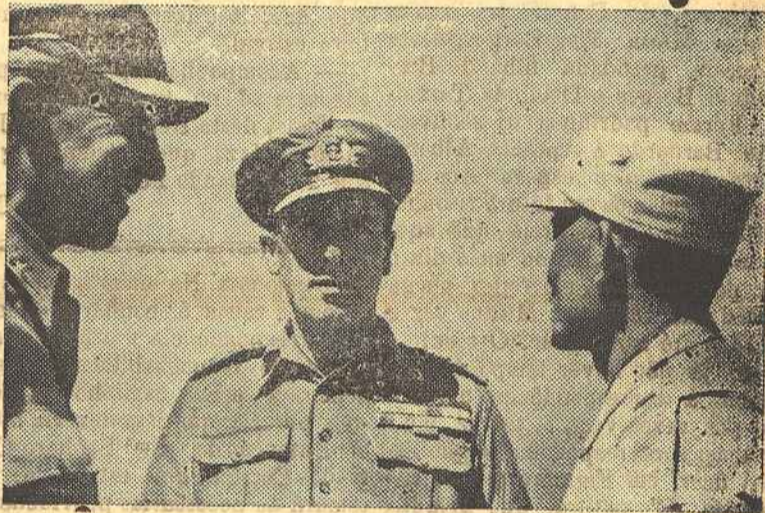
José Rodrigues Dias

Deu-nos, há dias, o prazer da
sua visita o nosso presdo amigo e
colaborador sr. José Rodrigues
Dias, distinto professor primário
em Lisboa, que esteve passando as
suas férias em Figueiró e já regres-
sou às suas ocupações.

Cofre de ferro

TEM V. Ex.º um cofre de
ferro á prova de fogo que quei-
ra vender? Esta Redacção in-
dica-lhe um bom comprador.

HOMENS DA GUERRA



O Almirante Lord Louis Mountbatten em conferencia com
o General Sultan e o General Sun Li Jen, na Birmanla.

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da

Armazém
de
Lanifícios

Figueiró dos Vinhos

Gustavo Coelho Godet

MODAS, FAZENDAS BRANCAS, MALHAS E MIUDEZAS
ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS,
FAZENDAS DE LA E ALGODÃO

Completo sortido para enxovais de casamento; chales,
lenços de seda e de lã

ARTIGOS PARA BORDAR; ALGODAO E LÃS EM FIO
Meias, camisas, chapéus e bonés; sempre novidades

Preços fixos sem competência

Figueiró dos Vinhos

SALTO DO CAVALO

(PASSATEMPO DE XADRÉS)

PROBLEMA N.º1

O	Por	eterno	tantos	preten	met	que	nou
nino	nin	dêsse,	mal	livros	tros	sito	tesse
lêsse,	culto	meus	eu	não	tei,	talvez	a
vavel	fem.	gu	E	de	prop	O que	ce e
mesmo	que	que	pec	pres	publi	volu	mas,
ao	pro	seil	peu	não	disse	vesse	fiz,
Alguns	rar,	é	lhe	cados,	tos	quei;	mes
bem	SE	SEI	no	o que	fossem,	o que	Quan

Percorrendo todas as casas do taboleiro, a começar pela
casa com a palavra SE e terminando naquela onde se acha a
síllaba SEI! a salto de cavalo, obtêm-se duas quadras dum
belissimo soneto de Fernandes Costa.

(no próximo número publicaremos a solução)

Companhia de Seguros Comércio e Indústria

Vimos trazer ao conhecimento dos
Ex.ºs Segurados e do público em geral
que o nosso agente actual em Figueiró
dos Vinhos é o sr.

João Godinho Rocha

que tratará de todos os assuntos que se
relacionem com a cobrança e realização
de Seguros em todos os Ramos.